

O relato de um jornalista que acompanhou uma expedição em uma área remota da Amazônia em busca de um dos últimos povos isolados do planeta

LEONARDO COUTINHO

O sertanista Sydney Possuelo, de 73 anos, passou mais da metade de sua vida mergulhado na Amazônia, e metade desse tempo foi dedicada a uma missão singular: a defesa de fantasmas.

Ocultos sob as copas cerradas da Floresta Amazônica, vivem seres humanos invisíveis para a maioria das pessoas. Vagueiam como espectros pelas matas e fogem diante da menor tentativa de contato por parte dos brancos, mantendo intacto — ou quase — o seu modo de vida, como se os europeus jamais tivessem desembarcado por aqui. A existência desses índios é comprovada por relatos esparsos e por incidentes envolvendo madeireiros ou garimpeiros, sempre os primeiros a invadir seus territórios (uma tribo é dita “isolada” quando não tem interação regular com a civilização moderna, mas isso não significa que nunca tenha tido encontros — às vezes traumáticos — com esta). Como para as autoridades não basta

SCOTT WALLACE



Histórias de fantasmas

OS GUARDIÕES DA FLORESTA

O sertanista Sydney Possuelo — acompanhado de índios matis, que ornamentam o rosto para imitar uma onça — usa um GPS para marcar o local onde foram avistados sinais de presença humana: três meses de expedição para identificar onde vive a invisível tribo dos flecheiros

ma

a crença no que não se vê, Possuelo registrou ocupações rudimentares abandonadas por tribos seminômades, coletou indícios de mato roçado em andanças dos índios, perseguiu pegadas humanas e mapeou a ocorrência de restos de caça tratados e assados em fogueiras. Juntando cada uma dessas pistas deixadas por índios isolados, ele conseguiu o apoio institucional e, sobretudo, o reconhecimento internacional para blindar áreas onde esses vestígios eram documentados. Em 2002, já reconhecido como a maior autoridade no assunto, Possuelo empreendeu uma de suas expedições mais ambiciosas. Partiu da amazense Tabatinga, na fronteira do Brasil com a Colômbia, em uma viagem de três meses para identificar o território dos até hoje desconhecidos flecheiros. A jornada é narrada pelo jornalista americano Scott Wallace, que a acompanhou, em *Além da Conquista* (tradução de Daniel Estill; Objetiva; 512 páginas; 59,90 reais).

Quando partiu com 34 homens, em três embarcações, contra a correnteza do Rio Itaquai, no oeste da Amazônia, Possuelo tinha dois objetivos: mapear as florestas inóspitas do Vale do Javari para identificar vestígios de ocupação indígena e evitar a qualquer preço o contato com os flecheiros. A fama guerreira desse povo, difundida por outros índios, era a de exímios arqueiros, cujas flechas de bambu com ponta envenenada são disparadas da escuridão da floresta sem que as vítimas percebam de onde elas partiram. O curare, veneno paralisante extraído de cipós, compromete os movimentos respiratórios, levando à morte por asfixia. A intenção de evitar o contato, porém, não se devia ao risco que isso poderia representar à expedição. Trata-se de uma regra que Possuelo ajudou a cunhar: respeitar a vontade dos indígenas que preferem o isolamento. Discípulo dos irmãos Cláudio e Orlando Villas-Bôas, Possuelo viu dezenas de tribos contatadas nas últimas décadas minguarem, vítimas do alcoolismo e de doenças derivadas da integração forçada. Responsável pelo contato com sete etnias, mudou de estratégia nos anos 1990: a iniciativa tem de partir dos índios.

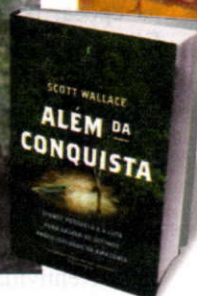
Wallace descreve com precisão o que é percorrer centenas de quilôme-



LEONERCIO NOSSA/ISTADAD.COM/UTÉRIO



FOTOS DIVULGAÇÃO



ISOLADOS E DESCONHECIDOS

Índios disparam contra avião no Acre. Eles são um dos 27 povos que evitam interagir com os brancos. Abaixo, na página ao lado, um jovem corubo, da última etnia contatada pela Funai, em 1996. Acima, o jornalista Scott Wallace em expedição pelo território dos flecheiros

tros a pé em meio a uma floresta jamais visitada pelo homem branco — o efeito extenuante que a Amazônia, seu clima, relevo, insetos e temperatura exercem sobre quem a desafia. Mesmo homens forçados pela mata, como os índios canamaris e matises, que na expedição atuavam como caçadores, lenhadores e possíveis intérpretes caso o contato fosse inevitável, padeciam diante das agruras da jornada. Os relatos de Wallace revelam, entretanto, que o esgotamento físico era secundário diante da angústia de saber que os flecheiros os monitoravam e a qualquer momento poderiam matá-los. “Não era preciso vê-los fisicamente. Eles eram tão presentes como se estivessem bem diante de nós. Vimos seus acampamentos, seus artefatos, suas pegadas. Sabíamos que eles estavam por toda parte ao nosso redor, observando-nos”, disse Wallace a VEJA.

Ainda em Nova York, antes de embarcar para o Brasil com a missão de escrever uma reportagem sobre os flecheiros para a revista *National Geographic*, Wallace sentia-se incomodado com o fato de que apenas um homem — Possuelo — estava entre a tribo e os demais bilhões de habitantes do planeta. Quinze quilos mais magro e com a experiência de ter atravessado uma porção de floresta dominada por índios selvagens, o jornalista saiu convencido da importância de respeitar a escolha daqueles índios pela não integração ao modo de vida dos brancos. Deixa claro, no entanto, que as razões dos sertanistas para manter os flecheiros e outros 26 povos longe de missionários e antropólogos valem até que os próprios índios eventualmente se decidam pela interação.

O último contato estabelecido por Possuelo com grupos isolados se deu em 1996. A decisão foi tomada diante

da ameaça de extinção de um povo que vinha sendo monitorado por duas décadas. Rumores de que pistoleiros organizavam uma expedição para vingar a morte de um branco executado a golpes de borduna por índios bravos levaram-no a contatar os corubos, grupo que virou símbolo de um dilema. Salvos da vingança e da incompreensão, eles agora padecem com a interação com outros índios já integrados. Enfrentaram surtos de malária, contraíram hepatite e há registros de casos de HIV. Possuelo foi demitido da Funai em 2006, depois que criticou publicamente o então presidente do órgão, que declarara que os índios já tinham terras demais — uma verdade em alguns casos de flagrante exagero nas demarcações, mas uma irresponsabilidade quando se considera que a floresta ainda esconde povos cuja língua ou mesmo cuja forma como se autodenominam ainda são desconhecidas. ■